

## PERCEPÇÃO DA CORPOREIDADE E MULTIPLICIDADE NAS AULAS DE ARTE-EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE DO CAJURÚ/ MG

A partir da leitura e reflexão da dissertação de mestrado elaborada por Ribeiro (2017), sobre **A corporeidade infantil no projeto “Arte por toda parte” sob olhar de educadores e arte-educadores**, desenvolvida no programa de Mestrado em processos socioeducativos e práticas escolares da Universidade Federal de São João del-Rei, busco analisar, perceber e aprofundar as questões relacionadas à corporeidade/vivência e multiplicidade na educação.

Sabemos que a arte é um dos caminhos possíveis que amplia nossa visão de mundo, pois através dela, nos colocamos em constante reflexão e experimentação da realidade. Observamos as próprias vivências como algo para se exercitar, questionar e criar, como se o nosso corpo fosse uma massinha de modelar que nos permite alterar sua forma original e revelar outras perspectivas. Nas aulas de artes fazemos isso, brincamos com o corpo, com a realidade, construímos, inventamos, ressignificamos.

Em sua pesquisa, Patrícia compreende a noção de corporeidade associada à arte nas próprias vivências, um processo de envolvimento do corpo da criança e dos/das educadores/as. Nesse sentido a corporeidade, pode ser lida como o universo dos saberes do corpo e é pensada de forma integral tanto no sentido de corpo e mente, quanto no sentido simbólico e social, “trata-se de um saber incorporado, desdobrado pela percepção, configurando a linguagem sensível.” (NÓBREGA, 2010, p. 34- 36).

Enquanto lugar de pertencimento, transmissão de conhecimentos e expressão a corporeidade estabelece ligação com a multiplicidade, pois se ligam pelos sentidos dos saberes do corpo, dialogando, portanto, com as múltiplas influências absorvidas por cada um de nós.

Atualmente percebemos a multiplicidade ou pluralidade dos elementos culturais, as variedades sociais, étnicas, religiosas e de gênero cada vez mais afloradas e urgentes para entender nossa compreensão de mundo e a nós mesmos. Ao pensar sobre isso, Patrícia em seu texto, sob referência de Machado (2012), nos diz que:

Partindo da premissa que somos corporeidade, e por assim integralidade, por que não ampliar a compreensão da arte sob uma ótica híbrida, em que ela “[...] seja mistura de teatralidades, corporalidades, espacialidades e musicalidades em uma coisa só: artisticidade?” (MACHADO, 2012, p. 20)

As aulas na comunidade de São Miguel do Cajurú, atingem três áreas: dança, música e teatro, e são ministradas por Júnio de Carvalho, Pablo Araújo e Adailson Natanael. É possível notar o conceito de artcidade, a conexão entre uma aula e a outra, mesmo sendo dinâmicas diferentes há um diálogo das áreas artísticas, o que favorece e estimula a troca com as crianças (e também com a turma de adultos), pois elas têm a possibilidade de experimentar variados exercícios e linguagens artísticas.

Interessa-me perceber quais corporeidades/vivências de cada criança e adulto e de que modo a multiplicidade na educação almeja, deseja e propõe dialogar, comunicar, respeitar e integrar com esses diversos corpos e universos.

Um dos exercícios interessantes para perceber o entorno e conhecer um pouquinho da vivência de cada educando, é a chamada "diferenciada". Nesta chamada, nome por nome é dito e cada pessoa ao confirmar para o professor que compareceu a aula aquele dia, ao invés de responder "presente" é recomendando as crianças é dizer outras coisas, como por exemplo, que tipo de música gosta, qual festa adora ir, o que fez no final de semana de divertido e etc. É muito interessante ver a forma como cada criança responde e como seu corpo se projeta, algumas mais tímidas, outras nem tanto, algumas os olhos brilham ao lembrar do tipo de festa que adora ir e por aí vai. Corroborando com o ponto de vista de Patrícia, "as experiências artísticas vivenciadas pelas crianças dizem muito sobre o seu modo de ser e de viver." Nessa "chamada", vamos nos aproximando do universo de cada criança, aprendendo um pouquinho da cultura, gostos e costumes de cada uma, inclusive, gostos artísticos e estéticos.

Outros exercícios são elaborados durante as aulas, onde estabelecem compreensão com o universo de cada aluno/aluna presente, contribuindo para:

- Percepção ampliada de si, do outro e do mundo;
- O reconhecimento e valorização de cada história e suas diversidades;
- A autonomia de cada criança e adulto;
- A inter relação das múltiplas linguagens artísticas;
- O respeito e sensibilidade entre todos/as

É potente perceber também como acontece a fusão de determinado exercício da aula de dança com a aula de musicalização, por exemplo, mesmo que trabalhados em momentos/concepções diferentes. Podemos perceber essa fusão ao brincarmos com o ritmo.

O ritmo é trabalhado na aula do Pablo, por exemplo, quando ele propõe o exercício da máquina de fazer som:

Essa máquina é feita através de sons junto com movimentos (feitos com algum instrumento ou com o próprio corpo). Uma criança por vez, vai a frente, no espaço entendido como palco e inicia seu som e gesto, depois outra criança soma ao anterior e assim sucessivamente. No fim, uma grande massa sonora gestual é composta. Tem um ritmo e um movimento próprio, que (eventualmente) não segue os padrões determinados de ritmo.

Outro exemplo com o ritmo, é a própria condução da aula de dança. Quando vamos aprender uma coreografia, passos semelhantes já são incorporados antes no alongamento e no aquecimento, em ritmo diferente do usual da coreografia, trazendo primeiro o entendimento do desenho do gesto. É um momento também de acordar e perceber o próprio corpo, entender cada próprio ritmo. Quando aprendemos a coreografia, "Comando", da Negra Li, notamos que ela tem variações de ritmo diferente do padrão por ser uma música centrada em ritmos africanos, Aprendemos os passos devagar e depois rápido, brincando com as possibilidades que a coreografia apresenta. **Dança é ritmo.** Aquilo que aprendemos ao tocar uma célula rítmica em um instrumento ou na brincadeira da máquina de som, por exemplo, pode agir como referência (consciente e inconscientemente) enquanto estamos dançando.

Por fim, um exercício conduzido pelo Adailson com a turma da noite, dos adultos, foi o exercício do espelho. Aqui o ritmo aparece na leitura do corpo dos gestos um do outro. Apesar de não estabelecer uma contagem certinha dos tempos, o ritmo está ali. Nesse exercício,

foram-se duplas, sendo uma pessoa da dupla A e outra B, uma pessoa por vez realizava alguns gestos e a outra executava como se fosse o próprio reflexo. As duplas iam invertendo entre si e depois faziam o exercício buscando brincar com o grande espaço da quadra. Aqui, podemos pensar como o ritmo do/com o outro influencia na brincadeira e na dinâmica da cena, por exemplo.

Escolhi esses três exercícios para exemplificar como que um mesmo elemento, abordado nas três aulas, acabam dialogando entre si e oferece possibilidades variadas de aprender sobre determinado assunto, nesse caso sobre o ritmo, seja ele na música, na cena ou no corpo.

### **Referências:**

RIBEIRO, Patrícia: **A corporeidade infantil no projeto “Arte por toda parte” sob olhar de educadores e arte-educadores.** 2017.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia. **Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo.** 1999. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1999.